



Global Early
Adolescent Study

RELATÓRIO DE PESQUISA

Estudo global sobre a saúde de adolescentes muito jovens

Ana Luiza Vilela Borges
Cristiane da Silva Cabral
Ivan França Júnior



Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

B732r

Borges, Ana Luiza Vilela

Relatório de pesquisa: estudo global sobre a saúde de adolescentes muito jovens / Ana Luiza Vilela Borges, Cristiane da Silva Cabral, Ivan França Júnior. – São Paulo: EE/USP, 2024.
16 p.

ISBN: 978-85-89734-30-1 (impresso)

ISBN: 978-85-89734-31-8 (on-line)

1. Saúde do Adolescente. 2. Relatório de Pesquisa.
I. Título.

CDD: 612.661

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Gulin Longhi (CRB-8: 7257)



Autoria

.....

Ana Luiza Vilela Borges
Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva
Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo

Cristiane da Silva Cabral
Departamento de Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade
Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo

Ivan França Júnior
Departamento de Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade
Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo

Instituições apoiadoras



Global Early Adolescent Study

Global Early Adolescent Study



Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo



Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo



Johns Hopkins Bloomberg School of Public Health



Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo



INTRODUÇÃO

O Estudo Global sobre a Saúde de Adolescentes Muito Jovens faz parte do consórcio *Global Early Adolescent Study* (GEAS), coordenado por Prof. Robert Blum e Profa. Caroline Moreau, da Johns Hopkins Bloomberg School of Public Health, e apoiado pela Organização Mundial da Saúde.

Este relatório apresenta os principais resultados descritivos do estudo realizado no Brasil. De modo geral, buscou-se compreender as normas e comportamentos de gênero entre adolescentes muito jovens, ou seja, aqueles que têm entre 10 e 14 anos de idade, e identificar os elementos individuais, familiares e contextuais que modulam as normas e comportamentos de gênero.

Para alcançar tais objetivos, 996 adolescentes responderam perguntas sobre sua vida em família, na escola, com amigos e amigas e nos bairros em que vivem. Esses(essas) adolescentes foram convidados(as) a participar deste estudo em seus domicílios por entrevistadoras treinadas e acompanhadas por agentes comunitárias de saúde.

Importa ressaltar que o grupo de adolescentes de 10 a 14 anos de idade vivencia uma das fases mais críticas do desenvolvimento humano, embora seja uma das menos compreendidas e investigadas, o que torna este relatório relevante para todos e todas que atuam para melhorar a saúde de adolescentes muito jovens.



PERFIL DOS ADOLESCENTES

- 1 Os dados referem-se a 996 adolescentes de 10 a 14 anos de idade (473 meninos e 523 meninas)
- 2 Todos eram moradores da área de abrangência de Unidades Básicas de Saúde da zona leste da cidade de São Paulo
- 3 As entrevistas foram realizadas nos domicílios entre agosto e outubro de 2021, com o uso de tablets
- 4 **Perfil:**
Idade média 12,2 anos
65% eram negros
44% protestantes
24% trabalharam no ano anterior



Vida em família ou vizinhança:

- 75% sentem que seu responsável se importa muito com o que pensam;
- 53% sentem-se muito próximos ao seu responsável;
- 77% disseram que são conhecidos na vizinhança;
- 46% afirmaram que as pessoas em sua vizinhança cuidam uma das outras;
- 40% dizem que as pessoas de sua vizinhança se preocupam com eles.



VIDA DIGITAL

- 13% estudavam em escolas sem computadores
- 16% não tinham computador ou notebook com acesso à internet
- 10% não tinham acesso a mídias sociais
- 5% não tinham celular
- 40% relataram passar mais de 3 horas por dia assistindo televisão ou vendo filmes [num dia típico]
- 57% relataram passar mais de 3 horas por dia em redes sociais [num dia típico]
- 26% relataram passar mais de 5 horas por dia em redes sociais [num dia típico]
- 24% relataram já ter acessado conteúdos de pornografia

Experiências negativas com o uso da internet:

- 16% já receberam mensagens pela internet que ofenderam ou chatearam
- 13% já foram deixados(as) de fora ou excluídos(as) de um grupo ou atividade na Internet
- 2% já foram ofendidos com mensagens postadas por outros
- 2% já foram ameaçados(as) na Internet

Para a maior parte dos(as) adolescentes (59%), nenhuma dessas coisas aconteceu!



SAÚDE

A respeito do conhecimento que adolescentes mais jovens têm sobre saúde sexual e reprodutiva, destaca-se a proporção de adolescentes que concordam que:

- Meninos/meninas podem contrair HIV na primeira vez que tiverem uma relação sexual: 91%
- As meninas podem engravidar na primeira vez que tiverem uma relação sexual: 83%
- As meninas podem tomar uma injeção para não engravidar: 88%*
- Meninas podem tomar uma pílula todos os dias para não engravidar: 79%
- Meninas ou meninos podem tomar uma pílula todos os dias para se protegerem contra o HIV: 44%
- As pessoas podem contrair HIV através do beijo: 31%
- Meninas podem usar ervas/chás para não engravidar: 20%

Adolescentes precisam ter informações claras e oportunas - ou seja, antes que iniciem a vida sexual - sobre formas de evitar gravidez e infecções sexualmente transmissíveis, incluindo HIV/Aids

- 41% já conversaram com alguém sobre relação sexual
- 51% já conversaram com alguém sobre gravidez
- 41% já conversaram com alguém sobre anticoncepcionais*
- 38% já conversaram com alguém sobre HIV/Aids
- 73% sabem onde ir para conseguir camisinhas
- **62% ficariam com muita vergonha de pegar uma caminha se precisassem**

Nota: *diferença significativa entre meninos e meninas



SAÚDE

Em relação ao corpo:

- 70% estão satisfeitos com seu próprio corpo*
- 66% se preocupam com a aparência do próprio corpo*
- 75% gostam da sua aparência*
- 57% gostam de olhar para o próprio corpo*
- 73% das meninas se acham bonitas
- 74% dos meninos se acham bonitos
- 43% gostariam que seu corpo fosse diferente*
- 41% se preocupam que não estão se desenvolvendo normalmente

[MENINAS]

- 86% já conversaram com alguém sobre cuidados com a menstruação
- 89% sabem onde obter ajuda se precisarem saber mais sobre menstruação
- 74% sabem onde obter ajuda se precisarem de um método para evitar gravidez
- **50% ficariam com muita vergonha de ir ao posto de saúde se precisassem de um método para evitar gravidez**

Nota: *diferença significativa entre meninos e meninas



SAÚDE MENTAL

- 63% se preocupam com qualquer coisa
- 58% se culpam quando as coisas dão errado
- 32% se sentem tristes
- 26% se sentem tão aborrecidos(as) que não conseguem dormir à noite
- 14% estão tão infelizes que pensam em se machucar
- **15% já tomaram bebida alcoólica**
- **8% já fumaram tabaco**

Sua instituição está receptiva às necessidades de saúde mental dos(as) adolescentes que a frequentam?

É crucial implementar espaços de escuta qualificada nas escolas, de preferência, com profissionais das Unidades Básicas de Saúde.

Possibilitar que os(as) adolescentes compartilhem seus sentimentos é terapêutico e pode proporcionar oportunidades para identificar situações que demandem atenção específica em saúde mental.



EXPERIÊNCIAS ADVERSAS NA INFÂNCIA (EAI)

.....

EAI são definidas como^[i]:

- atos de perpetração ou omissão dirigidos às crianças [neste caso, aos(as) adolescentes]
- conjunto de outras condições contextuais (tais como viver em um ambiente com a presença de violência doméstica, abuso de drogas/álcool pelos pais, morte de um ou ambos os genitores, dentre outros)

quanto maior o número de experiências adversas vivenciadas, maior o efeito negativo no desenvolvimento do indivíduo

20% dos(as) adolescentes não relataram qualquer experiência adversa na infância

22% relataram 5 ou mais experiências adversas na infância

[i] Felitti VJ, Anda RF, Nordenberg D, Williamson DF, Spitz AM, Edwards V, Koss MP, Marks JS. Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults. The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study. Am J Prev Med 1998; 14(4):245-258.

Mais informações:
<https://www.cdc.gov/violenceprevention/aces/index.html>



EXPERIÊNCIAS ADVERSAS NA INFÂNCIA (EAI)

.....

Alguma vez você sentiu medo ou ficou mal quando adultos te xingaram e disseram palavras maldosas ou que eles não gostavam de você?

62% responderam que sim

Alguma vez você sentiu que não é amada(o) ou que ninguém se importa com você? **51% responderam que sim**

Alguma vez você sentiu que não tem ninguém para te proteger?

36% responderam que sim

Alguma vez você teve medo que seus pais ou outros adultos te machucassem seriamente (causando ferimentos ou morte)?

27% responderam que sim

Alguma vez você viu sua mãe ou seu pai tão triste, sem condições de tomar conta da família? **25% responderam que sim**

Alguma vez aconteceu de não ter comida suficiente em casa por falta de dinheiro? **23% responderam que sim**

Alguma vez seus pais ou responsáveis exageraram na bebida alcoólica ou usaram drogas e, ao chegarem em casa, foram muito agressivos com você ou sua família? **10% responderam que sim**

Alguma vez você viu sua mãe ser agredida ou espancada ou sofrer ameaças? **9% responderam que sim**

Alguma vez sua mãe ou seu pai foram presos?

5% responderam que sim

Alguma vez sua família foi forçada a desocupar a casa onde vocês moravam? **5% responderam que sim**



EXPERIÊNCIAS ADVERSAS NA INFÂNCIA (EAI)

Um em cada cinco adolescentes relatou ao menos uma EAI! A mesma proporção relatou cinco ou mais EAI na vida!

Esses dados indicam que os(as) adolescentes podem estar imersos em ambientes relativamente violentos, inclusive dentro de casa e em espaços familiares.

As equipes da atenção primária à saúde e os profissionais que atuam nas escolas precisam estar atentos para identificar se os(as) adolescentes estão vivenciando - ou vivenciaram - qualquer tipo de violência.

As visitas domiciliares realizadas pelos Agentes Comunitários de Saúde e a colaboração entre Unidades Básicas de Saúde e as escolas podem ser estratégias importantes para identificar experiências de situações de violência contra adolescentes.

Reuniões intersetoriais periódicas com a rede de proteção à infância e adolescência constituem-se em caminhos para responder a essas situações de violência e vulnerabilidade.



AUTONOMIA

Proporção de adolescentes muito jovens que nunca têm permissão para participar das atividades por conta própria, sem a companhia de um adulto:

Ir a uma festa/balada com GAROTOS e GAROTAS: 66%

Visitar um amigo do sexo oposto (por exemplo, visitar uma garota se for garoto, ou um garoto se for garota): 56%

Ir ao cinema/centro cultural/shopping: 40%

Encontrar os amigos fora da escola: 27%

Ir à igreja/culto/terreiro/templo ou centro religioso: 25%

Frequentar atividades após a escola (como atividades esportivas): 20%

Proporção de adolescentes muito jovens que relataram nunca ou raramente em relação às afirmativas a seguir:

Meus pais ou responsáveis pedem minha opinião: 29%

Se vejo algo errado na escola ou no bairro, sei que posso contar a alguém e vou ser ouvido: 29%

Meus amigos me pedem conselhos quando têm algum problema: 27%

Posso sair em defesa quando vejo alguém sendo maltratado: 27%

Meus pais ou responsáveis ouvem quando dou minha opinião: 22%

Posso me manifestar na classe quando tenho uma dúvida ou comentário a fazer: 15%

Posso pedir ajuda aos adultos quando preciso: 12%



O QUE OS DADOS REVELAM?

- **É necessário criar espaços para o cuidado integral dos(as) adolescentes nas Unidades Básicas de Saúde, com atividades específicas para esse grupo etário**
- **Profissionais de saúde necessitam estar presentes nos espaços escolares e em outros espaços onde os(as) jovens se encontram**
- **Educadores precisam do respaldo das equipes de saúde para iniciativas conjuntas de proteção aos(as) adolescentes e promoção de sua saúde integral**
- **A autonomia dos(as) adolescentes deve ser um dos focos da assistência ofertada a eles(elas)**
- **Adolescentes precisam sentir que são bem vindos(as) nas Unidades Básicas de Saúde evitando que sintam vergonha ao buscar assistência. Também precisam saber quando, como e com quem obter informações e atendimento para suas necessidades**
- **As articulações intersetoriais são relevantes, como a integração da escola e Unidade Básica de Saúde no Programa Saúde na Escola (PSE), além da colaboração entre Unidade Básica de Saúde e Organizações Não Governamentais (ONGs) do território**
- **A vizinhança e comunidade onde os(as) adolescentes vivem podem ser um potencial de fortalecimento para eles(elas), especialmente quando se sentem seguros(as) e reconhecidos(as)**
- **Educadores e pais necessitam estar atentos às falas e opiniões dos(as) adolescentes para que se sintam respeitados(as) e valorizados(as)**
- **Os atendimentos de familiares na Unidade Básica de Saúde e as reuniões com pais nas escolas devem contemplar temas que incluem a autonomia, a relação com colegas, a relação com o próprio corpo, as expectativas sociais para meninos e meninas e os direitos sexuais e reprodutivos dos(as) adolescentes**



AGRADECIMENTOS

- Profa. Dra. Maria Fernanda Terra, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo
- Profa. Dra. Sheila Latchim, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo
- Profa. Dra. Elaine Reis Brandão, Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Dra. Jamile Guimarães, Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais
- Nicolas Kimura, Bolsista de Iniciação Científica Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo
- Marcus Spinelli da Silva, Mestrando, University of Michigan School of Public Health

Mais informações sobre o estudo GEAS no Brasil:
<https://www.geastudy.org/>





Escola de Enfermagem da USP
Av Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Cerqueira César - São Paulo - SP
www.ee.usp.br